



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ÉRICA ALVES PEREIRA**

**INFÂNCIA E SEXUALIDADE NAS PÁGINAS DA ENCICLOPÉDIA *NOSSAS CRIANÇAS*  
DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (BRASIL, 1973)**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2019**

ÉRICA ALVES PEREIRA

**INFÂNCIA E SEXUALIDADE NAS PÁGINAS DA ENCICLOPÉDIA *NOSSAS CRIANÇAS*  
DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (BRASIL, 1973)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Licenciatura em História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba UEPB, Campus I em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura em História.

**Orientador:** Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior

**CAMPINA GRANDE-PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436i Pereira, Erica Alves.

Infância e sexualidade nas páginas da enciclopédia nossas crianças da Fundação Víctor Civita (Brasil, 1973) [manuscrito] / Erica Alves Pereira. - 2019.

23 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2021.

"Orientação : Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Criança. 2. Sexualidade infantil. 3. Análise do discurso.

I. Título

21. ed. CDD 401.41

ÉRICA ALVES PEREIRA

**INFÂNCIA E SEXUALIDADE NAS PÁGINAS DA ENCICLOPÉDIA NOSSAS  
CRIANÇAS DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (BRASIL, 1973)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de História  
da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** Estudos do  
Brasil.

Aprovada em: 29/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**

*Jose dos Santos Costa Junior*

---

Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Hilmaria Xavier Ribeiro*

---

Prof. Dra. Hilmária Xavier Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Raquel Silva Mociel*

---

Profª. Me. Raquel Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICO este trabalho à minha mãe, Angelita Alves Pereira, e ao meu pai, Cicero Constantino Pereira, pelo exemplo de coragem e com muito amor me ensinaram o caminho justo. Aos meus irmãos Laerte, Lilian, Lidia e Carlos José que sempre me ajudaram direta ou indiretamente, a seguir com o curso. Ao meu esposo André, que sempre está do meu lado incondicionalmente.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da Enciclopédia Nossas Crianças.....	10
Figura 2,3 – Batalha dos Sexos.....	11
Figura 4 – Mãe de família .....	15
Figura 5 – Sexo sem rodeios.....	18
Figura 6 – Os jogos da curiosidade.....	18

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 CRIANÇA E A SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA .....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 Os usos dos discursos e as imagens da Enciclopédia .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1.1 Crianças e as imagens .....</b>	<b>17</b>
<b>3 CONCLUSÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## INFÂNCIA E SEXUALIDADE NAS PÁGINAS DA ENCICLOPÉDIA NOSSAS CRIANÇAS DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (BRASIL, 1973)

Érica Alves Pereira<sup>1</sup>  
José dos Santos Costa Júnior<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo de conclusão de curso tem como objetivo analisar o discurso sobre sexualidade infantil a partir da enciclopédia Nossas Crianças da fundação Victor Civita, de 1973. Problematizando a emergência do discurso sobre a educação sexual das crianças, nos chama atenção em um período em que a soberania nacional estava em xeque, devido a Ditadura Militar (1964-1985) e sua política de censura aos meios de comunicação era bastante corriqueiro, especialmente a partir de 1968. Como aporte teórico metodológico Michel Foucault, Roland Barthes, Peter Burke e Guacira Lopes Louro foram as maiores *contribuições* para entendermos como o discurso é produzido pelas instituições de saber, observando as imagens de modo peculiar, assim como ter um olhar crítico sobre as imagens utilizadas neste trabalho. Além de compreendermos como as questões de gênero estão enraizadas na sociedade como tabus, assim como o corpo é politizado por relações de poder e saber, produzindo indivíduos satisfatórios a seus interesses próprios e alheios.

**Palavras-chave:** Infância. Discurso. Sexualidade. Imagens.

### ABSTRACT

This paper concludes with the aim of analyzing this about child sexuality, in the encyclopedia Our Children of the Victor Civita Foundation, 1973, the emergence of the discourse on the sexual education of children, draws our attention at a time when sovereignty due to the Military Dictatorship (1964-1985) and its policy of censorship of the media was quite common, especially from 1968. As methodological theoretical contribution Michel Foucault, Roland Barthes Peter Burke and Guacira , were the major contributors to understand, as the discourse is produced by the institutions of knowledge, to look at images in a peculiar way, as well as to have a critical look at the images used in this work. In addition to understanding how gender issues are rooted in society as taboos, as well as the body is politicized by power relations and knowledge, producing individuals satisfying their own interests.

**Keywords:** Childhood. Speech. Sexuality. Images.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em História, UEPB- Campus I, Campina Grande. Endereço eletrônico: [ericaalves34@gmail.com](mailto:ericaalves34@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em História/UFRGS; Coordenador do Centro de Educação Cidadã e Direitos Humanos (CECIDH); Professor Substituto do Departamento de História da UEPB - Campus I, Campina Grande. Endereço eletrônico: [josejunior@cecidh.org.br](mailto:josejunior@cecidh.org.br)



## 1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade discutir questões de gênero e sexualidade, bem como o corpo infantil, é de fato desafiante e indispensável, no tocante à sexualidade das crianças e as interdições discursivas que são impostas pelas instituições de poder, sejam elas de tipo escolar, familiar ou estatal. Desse modo, ao realizar esta pesquisa me deparei com o discurso psicológico na enciclopédia infantil da fundação Victor Civita<sup>3</sup>, publicada originalmente no ano de 1973 e intitulada *Nossas Crianças*. Foi organizada em 7 volumes, perfazendo quase 2000 páginas, tendo como um de seus objetivos prestar orientação quanto ao desenvolvimento da criança desde a sua gestação até a puberdade, abordando temas pertinentes à educação dos pequenos. Assim, a enciclopédia infantil *Nossas Crianças*, nos volumes 3, 4, 5, e 6 apresenta as questões mais pertinentes sobre a orientação sexual das crianças, sobretudo o papel dos pais.

A enciclopédia foi editada pela Fundação Victor Civita em São Paulo no ano de 1973, momento político importante para o Brasil, na medida em que vivia-se uma fase de transformação entre os “anos de chumbo” da ditadura militar e aquele novo momento que já estava sendo gestado e se organizaria com o governo de Ernesto Geisel caracterizado pela abertura “lenta, gradual e segura” que daria condições para a superação da ditadura militar, cuja ação violenta havia se fortalecido a partir do Ato Institucional nº 5 (AI-5) de 1968. A produção dessa Enciclopédia visava auxiliar os pais no cotidiano familiar com o intuito de cuidar das crianças nas diversas situações do cotidiano, como um verdadeiro manual a ser seguido.

Sendo assim, a emergência do discurso sobre a educação sexual das crianças, nos chama atenção em um período em que a soberania nacional estava em xeque, devido a Ditadura Militar (1964-1985)<sup>4</sup> e sua política de censura aos meios de comunicação era bastante corriqueiro, especialmente a partir de 1968. Cabe indagar: como foi possível essa publicação? Para quem seria direcionado esse conteúdo e qual seria seu objetivo?

Este texto tem como objetivo analisar a imagem do corpo infantil apresentada na enciclopédia *Nossas Crianças*, descrevendo os saberes médicos, pedagógicos e psicológicos que o construíram como objeto de saber e poder no referido período. Partindo desse objetivo, um dos temas de maior presença – em termos bibliográficos – na historiografia brasileira é sobre a infância, pois muito já se escreveu com a finalidade de mostrar o processo de transformação histórico-social da infância, bem como as contribuições para uma abordagem sociológica, educacional e historiográfica. Isto possibilita lançar novos olhares e novos caminhos para avançarmos na consolidação dos estudos sobre a infância no Brasil, pensando as infâncias no plural e os desafios que isso coloca à pesquisa histórica.

## 2 CRIANÇA E A SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

É importante esclarecer o que favoreceu para uma escrita sobre as crianças, no que se refere às contribuições de intelectuais da terceira geração da *Escola dos Annales* (1968-1989), os quais inovaram na sua forma de abordagem da história, com características próprias, haja vista que a revista contribuiu para o conceito de história e sobre a historiografia. Logo, na terceira geração da Escola dos Annales<sup>5</sup>, não houve uma liderança e sim uma fragmentação intelectual, o que por sua vez deu condições para abordagens e temáticas muito plurais. A

<sup>3</sup> A Fundação Victor Civita pertence ao grupo Abril. Victor Civita, um empresário de origem italiana e nascido em Nova Iorque, fundou no Brasil em 1950 movido por sua convicção de que um povo educado torna-se capaz de prosperar e produzir, criou a fundação privada que leva o seu nome, sem fins lucrativos e mantida pela família. Atualmente familiares do fundador são os responsáveis por levar adiante o legado de Victor Civita.

<sup>5</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

terceira geração, não focalizou em apenas uma vertente e sim em várias, expandindo sua nova perspectiva histórica para outras áreas do conhecimento, levando a uma síntese profunda da cultura, descrevendo suas mentalidades, seus saberes dentro de cada realidade. Sendo assim modificou, inovou a historiografia ocidental.

Diante desses apontamentos, é necessário acrescentar que o demógrafo histórico francês Philippe Ariès, em seu livro clássico *História Social da Criança e da Família* (1978), estabelece o estudo sobre a infância entre o período do século XI e XVIII, ao qual analisa iconograficamente por meio das imagens da família ocidental, elencando a ausência de sentimento da infância durante o Antigo Regime. Em suas argumentações, Ariès ressalta que era ausente a concepção da infância nas representações de arte e também na sociedade medieval, pois as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, haja vista que a sua função social era apenas de entreter os adultos. Um dos fatores que dificultava essa afeição pelos pequenos era a mortalidade infantil, que atingia os pequenos. Logo, a expectativa de vida das crianças era de sete anos.

Segundo o historiador, a “descoberta da infância” se deu no início do século XIII, havendo assim uma evolução em suas representações na arte medieval, nos séculos XV e XVI, quando as crianças foram sendo pintadas em um formato de anjo e do menino Jesus, sendo assim a criança retratada por sua graça. Outro ponto, que marca o sentimento da infância é o surgimento do retrato da criança morta, pois se percebe aí um sentimento de conservar a vida infantil (ARIÈS, 1978). A representatividade da família, de início ocorreu em imagens religiosas, mas sem denotar uma individualidade a ser reconhecida e protegida, pois o sentimento de família na sociedade medieval não existia e apenas a partir do século XVI a representação da família moderna estava voltada para sua vida privada. Isto evidenciava práticas sociais como o casamento, o batismo e também estava relacionada com a ideia da Sagrada Família, formada por seus pais e filhos, fortalecendo, dessa maneira, o sentimento da família.

De certo modo, suas contribuições foram fundamentais para que surgissem novas perguntas sobre o mundo infantil, com a finalidade de haver novas atribuições no campo de pesquisa. Estudos da contemporaneidade abarcam em ressignificar as concepções sobre a infância. *Uma história da Infância*, do historiador canadense Colin Heywood, como sendo um dos principais críticos de Ariès, atenta para que os historiadores tomem cuidado com as generalizações em certas obras, pois é necessário um estudo mais aprofundado dos discursos.

Dessa forma, Heywood salienta que para estudar sobre a infância, é necessário compreendermos que as crianças devem ser entendidas como uma construção social, uma variável social e que elas devem ser consideradas como partes ativas na determinação de suas vidas. A partir disso, a obra de Ariès é criticada devido a alguns pontos que sua obra deixou em aberto, como por exemplo, por sua análise ser ingênua ao analisar as fontes, no que se refere às representações das crianças na arte medieval. Pois, segundo Heywood se deve considerar que os artistas estavam preocupados em demonstrar em suas obras o status e a posição social daqueles que estavam sendo representados em seus retratos.

Outro aspecto importante, sobre a crítica a Ariès, é que a pesquisa do historiador ficou apenas no presente, neste caso, buscou evidências sobre a concepção da infância apenas na sociedade medieval do século XII, como ele não encontrou outros indícios, concluiu que o período não tinha consciência do que era a infância, pois poderia ter essa consciência diferentemente do que conhecemos na contemporaneidade. O historiador canadense esclarece que o discurso de Ariès estava ligado a herança greco-romano sobre o sujeito, pautado no pensamento das idades do homem (HEYWOOD, 2004).

Na historiografia brasileira dispomos, entre outras obras, de duas coletâneas na área da pesquisa sobre a infância: a primeira *História da criança no Brasil* (1999) e *História das crianças no Brasil* (2004), a obra foi organizada por Mary Del Priore e a investigação é um

resultado de um cruzamento de olhares da infância no Brasil, por saberes de áreas como História, Sociologia, Psicologia, entre outras. São estudos que contribuem em aflorar o cotidiano das crianças escravas, crianças da elite, os aprendizes da guerra do Paraguai, bem como a onda de criminalidade do início do século XX, além daquelas que tiveram sua infância roubada nas fábricas e nas ruas. Porém, apesar desses tropeços encontraram motivos para dar espaço a brincadeiras.

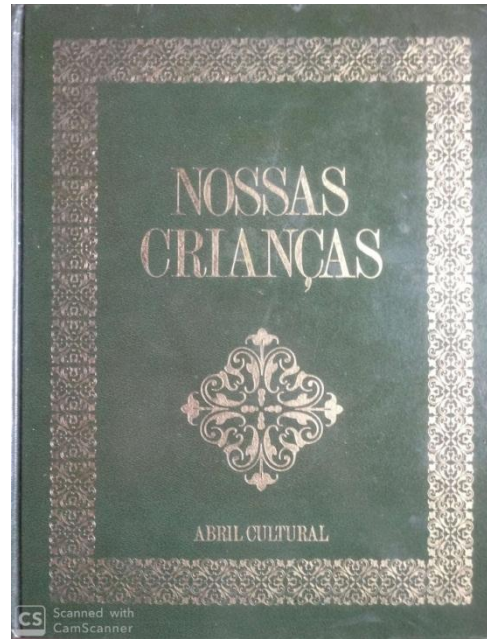
Em suma, a contribuição de Mary Del Priore em *“Dossiê: a história do corpo”*, a qual pontua questões a respeito do corpo ao longo da história como fonte a partir da Escola dos Annales, bem como na terceira geração, onde há possibilidade do historiador debruçar-se sobre uma documentação múltipla, onde é notável a sua análise sobre história do corpo, principalmente no que diz respeito ao estudo das interdições da Idade Média, fundada em uma ética sexual que recusava o prazer. Por sua vez, os discursos sobre corpo e sua representatividade nos saberes da Antropologia, Literatura, Medicina, Arte e História.

Podemos destacar ainda a obra *Para a compreensão histórica da infância* (2007), que foi organizada por Alberto Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho e Rogério Fernandes no âmbito da coleção História da Educação da Editora Autêntica. A obra foi designada como uma ferramenta de estudo valiosa que favorece um trabalho conjunto de pesquisadores portugueses e brasileiros empenhados em oferecer novas formas de compreensão sobre a infância e a criança quanto a multiplicidade das fontes, como o estudo das práticas dos jogos a partir do ponto de vista moralista, no Antigo Regime; a literatura, ao abordar as produções infantis, bem como as representações do adulto sobre o mundo infantil.

Outro aspecto que a obra aponta é sobre a cultura escrita por meio dos suportes variados (literatura, cordel, imprensa, etc.), assim como as práticas e as representações da infância. Apresenta ainda algumas reflexões sobre entraves de estudiosos durante a realização de uma investigação em arquivos institucionais e pessoais, acerca dos problemas principais em uma pesquisa arquivística como a falta de organização e cuidado com os arquivos.

Em suma, o fazer historiográfico compete em escrever sobre o homem no tempo, ou podemos mencionar que "a História é o estudo do homem no Tempo", como Marc Bloch (2002) define. Trata-se do homem como um objeto de estudo, assim aprendemos com o passado e com o outro. A história começa a partir de uma interpretação do passado e essa interpretação não é livre, sabendo que o lugar em que o historiador está inserido é fundamental para que possamos entender a sua escrita. Por sua vez, o ofício do historiador está ligado a sua técnica de escrita do passado, oferecendo ao leitor experiências através das fontes, atestando o que foi vivido no passado possibilitando novas interpretações, novas dúvidas, novos interesses para escrever sobre o passado (CERTEAU, 1982.)

## **2.1 Os usos dos discursos e as imagens da Enciclopédia**

**Figura 1** - Capa da Enciclopédia Nossas Crianças

Fonte: Nossas Crianças, Victor Civita, 1973.

Diante do documento, evidenciamos o cuidado como foi produzido esteticamente. Logo, elementos artísticos como um símbolo embelezam a capa cuja tonalidade é verde musgo escuro. Trata-se de uma ornamentação abstrata, que nos remete à ideia de *Motivos vegetais*<sup>6</sup> ornamentais geometrizados no formato de uma “flor”, que serve como uma moldura, caracteriza-se como outras enciclopédias da década de 1970, que serviam mais para serem expostas nas estantes, como um “status” da família. O título, com grandes letras douradas escritas em caixa alta, esconde as variadas fotografias de crianças. De certa forma pode-se dizer que este seria o objetivo: não mostrar de início nenhuma ilustração na capa, induzindo o leitor ou pesquisador a ir além e descobrir o que tinha de oferecer.

Ao folhear as páginas da enciclopédia infantil, percebemos que as páginas amarelas entregam o tempo em que aqueles conteúdos foram impressos; saberes foram cuidadosamente organizados, selecionados e controlados. Mas o que mais nos chama à atenção, são os rostinhos das crianças que lhes permitiram ser fotografadas, seja um sorriso, um choro, elas estão por toda parte da enciclopédia. O corpo infantil serve como um modelo, mesmo que essa criança não transpareça características de nossa brasilidade, a visibilidade dos corpos infantis nos remete a muitas reflexões. Por ora cabe pensarmos como a sexualidade é apresentada nesse periódico. Vejamos algumas fotos:

<sup>6</sup> JUAN, Fabio San. *Encontro de História da Arte: da percepção à palavra: luz e cor na história da arte* (11: 2015 Campinas, SP), p. 187.

**Figura 2,3** -Batalha dos Sexos



Fonte: *Nossas Crianças*, Victor Civita, 1973.

Em busca de um periódico adequado para minha pesquisa, encontrei na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no bairro universitário em Campina Grande, em meio ao extenso acervo pessoal do professor e pesquisador Átila Almeida. Este arquivo foi formado em 2003, quando o Governo do Estado da Paraíba adquiriu o acervo e doou para a UEPB, com a finalidade de que alunos/as pudessem realizar suas pesquisas sobre os mais variados temas.

A enciclopédia *Nossas Crianças* estava ali esperando a ser explorada e começava a trajetória de uma pesquisa instigante para entender como havia sido elaborada. Vale salientar que o periódico foi produzido pela Abril Cultural S.A, localizada na cidade de São Paulo, tendo sido editada em 1973 por Victor Civita. Haja vista que a Enciclopédia foi produzida para atender, principalmente, o cuidado com o corpo da criança em manter sua “boa saúde”, durante o desenvolvimento infantil, sabendo que cada fase tem seu cuidado em especial.

No que se refere ao conteúdo da fonte em análise, se vê que ele não é separado em capítulos e títulos, e sim por subtítulos sugestivos como a saúde psicológica das crianças, a higiene e crescimento, sobre vida escolar, haja vista que o seu sumário se encontra no último volume, percebe-se que há uma certa continuidade nos temas e que deve ser seguida. Vale lembrar que minha pesquisa não visa analisar a enciclopédia como um todo, mas apenas o que diz respeito ao discurso psicológico sobre a sexualidade das crianças e como este discurso mais amplo e disperso esteve presente nesta publicação a partir de certos recortes e escolhas editoriais.

Ao analisar a forma de composição da enciclopédia infantil *Nossas Crianças*, fiz a opção por construir um diálogo com a filosofia de Michel Foucault (2009)<sup>7</sup>, pois considero que nesta pode-se encontrar ferramentas metodológicas relevantes para compreender as formas pelas quais o poder liga-se a determinados discursos, no intuito de produzir efeitos de verdade. Nesta perspectiva, percebemos que os discursos, assim como a escrita historiográfica, ao longo do tempo diante de diferentes pontos de vista, bem como novas abordagens sobre determinado objeto de estudo, possibilitou grandes avanços.

Em caráter restrito, esta pesquisa busca propor questões em torno da emergência do discurso sobre educação sexual e como o corpo infantil deveria se comportar diante das curiosidades sobre a sua sexualidade na década de 1970, no qual a historiografia aponta um grande distanciamento entre gêneros ao longo do tempo. Como Guacira Louro expõe:

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed.São Paulo: Edições Loyola, 2009.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos [...]”. (LOURO, 2010, p. 21)

Porém, este distanciamento entra em análise através de como os discursos impõem às crianças o “comportamento adequado”, havendo assim uma interferência no corpo infantil. Esta pesquisa visa desconstruir um discurso conservador e propor um outro discurso que tenha uma nova abordagem inclusiva sobre como tratar a educação sexual com as crianças em uma visão mais esclarecedora. Vejamos um trecho da enciclopédia:

Muitos pais, ao surpreenderem as crianças “explorando” os próprios órgãos genitais, gritam chocados, que é “pecado” que tal procedimento é “feio”. Com isso chamam atenção da criança para um terreno “proibido”, aumentam a curiosidade e despertam um sentimento de culpa e o desejo de agir às escondidas, nada mais prejudicial (CIVITA, 1973, p. 655).

É sabido que nem sempre a criança foi vista como um sujeito social e que por sua vez tivesse um lugar individualizado, mas uma coisa é certa: que o corpo infantil foi tomado por vários discursos que assim foram feitos historicamente e que fizeram com que se constituíssem conceitos que assim suscitassem o desejo de saber ainda mais sobre as crianças. É de fundamental importância recorrer a trabalhos de outros autores que percorreram temáticas como os discursos acerca do corpo infantil, bem como a sexualidade, e também saber como foi permitida tal publicação. É necessário salientar que esta pesquisa é apenas um ensaio, sendo assim apresenta algumas fontes primárias estabelecendo a possibilidade em que outro momento lhe seja acrescentado outros aportes teóricos e historiográficos.

Acerca da documentação, vale salientar que este material foi um dos pioneiros em tratar desses assuntos, no contexto de censura e repressão que muitos jornais sofriam com a Ditadura Militar (1964-1985). Para explicar como foi possível tal emergência com a temática da sexualidade infantil pode-se observar algumas considerações de Mateus Pereira (2005) que em seu texto *A trajetória da Abril Cultural (1968-1985)*, apresenta elementos para se pensar a produção cultural durante o período ditatorial.

O fenômeno dos fascículos levou o conhecimento para a casa de milhões de brasileiros em plena Ditadura militar, inaugurando “[...] uma certa democracia do conhecimento. Brasileiros de baixo poder aquisitivo passaram a encontrar nas bancas assuntos antes restritos a bibliotecas e livrarias” (PEREIRA, 2005, p. 241).

Dessa forma, Pereira acrescenta que a finalidade dessa publicação era atingir uma “democracia do conhecimento”. Por outro lado, podemos refletir sobre uma formação de indivíduos, que teve que ser imposta a seguir padrões de comportamentos aceitáveis por uma sociedade conservadora. Outra questão pertinente, trata-se das expressões “brasileiras de baixo poder aquisitivo”, nem todos daquela época tinham acesso à leitura, e nem podiam comprar coleções, que possivelmente estariam nas bancas semanalmente e para quem era assinantes da revista ou jornal parceiros da editora<sup>8</sup>. E mesmo que a expansão da Editora tenha se dado pelo crescimento da indústria gráfica na década de 1950, e também pelos subsídios para indústria do

<sup>8</sup> É relevante acrescentar que a taxa de analfabetismo para brasileiros maiores de 15 anos era de 48% em 1950, 33,01% em 1970 e 13,8% em 1999. O número de matrículas no ensino superior era, em 1960, de 93.202; em 1976, de 1.035.000, e em 1999, de 2.377.715. cf.: ALMANAQUE ABRIL (2002. p. 180 e 184).

papel nacional e isenção de impostos sobre o livro, ainda assim não atingiria a todos os brasileiros.

Na década de 1970, a indústria de publicações, incluindo revistas e fascículos, teve sua produção quadruplicada. Entre 1969 e 1973, a produção de livros aumentou em três vezes e o País entrou no ranking dos dez maiores produtores de livros. “Vivíamos um paradoxo: nunca se proibiu (referência à censura) e nunca se produziu tanta cultura como nos anos do regime militar” (PEREIRA, 2005, p. 241).

Diante disso, as editoras são criadoras e produtoras de necessidades culturais e econômicas, com base em um discurso conservador e que impõem limites e regras a serem seguidas. Logo, a Abril Cultural reuniu pedagogos, psicólogos, pediatras para que contribuíssem com esse trabalho. O presente recorte da obra propõe uma análise do discurso psicológico sobre orientação sexual e o importante papel dos pais nesse processo da “descoberta” da sexualidade. Desse modo, ao analisar este discurso podemos perceber um certo limite devido ao conservadorismo, quanto à sexualidade dos indivíduos, como direcionado apenas ao binarismo feminino e masculino.

Assim é necessário que haja uma cautela ao identificar os interesses dessa instituição que dizia estar direcionada “[...] a cuidar, compreender e educar seus filhos, estamos ajudando a moldar homens sadios e bem formados para maior grandeza do Brasil de amanhã” (CIVITA, 1973). Vale indagar, assim, quais seriam os interesses em elaborar um trabalho criterioso, com a finalidade de se ter uma sociedade homogênea? Como e em que condições de possibilidade emergiu a Enciclopédia *Nossas Crianças* e quais saberes foram articulados para compor uma imagem normatizada sobre a sexualidade infantil?

É perceptível no decorrer do discurso, uma preferência ao sexo masculino, pois nas fotografias os meninos sempre estão em uma posição superior às meninas, assim como a tonalidade da pele, não há preocupação de mostrar a mestiçagem, destacando apenas uma ao invés das outras. Quanto à classe social as características são de classes que possuem um poder aquisitivo, excluindo assim a importância de tratar esses assuntos com as classes populares.

No tocante às questões atribuídas ao corpo infantil e sexualidade insere-se neste escrito, como um cenário para compreender o ataque ao corpo através de interdições e repressões, por meio de discursos médicos, políticos e da Igreja. Logo, Henrique Carneiro (1995) aponta elementos discursivos de controle do corpo no decorrer da época moderna, tendo em vista a oficialização do casamento com a finalidade de extinguir uniões de concubinato sem que houvesse uma cerimônia religiosa. Essa prática era disseminada por toda Europa, no Brasil, dentre outras regiões coloniais.

O historiador esclarece que o ataque ao corpo foi através dos códigos de normas que deveriam ser seguidos no ato sexual, que era apenas para a procriação em que, assim o sexo como prazer era um sintoma de pecado. Sendo assim, saberes médicos cuidaram para que o pecado considerasse como causador de males para a saúde, a luxúria seria a causa por enfermidades da moral. Nota-se, como o discurso marca uma determinada época constituindo relações de poder sob o corpo, impossibilitando a vontade de saber mais sobre os desejos e sensações novas.

Desse modo, é de suma importância que os pais sejam sensatos em lidar, com calma e segurança, para que não se passe uma ideia prejudicial de que sensações físicas são “coisas nocivas e perigosas”.

Vale salientar que a sexualidade se torna alvo de discurso, também no Concílio de Trento, no século XVI, em que essas interdições estão contidas no discurso conservador e moralista. Dessa forma o concílio tridentino ecumênico tinha como objetivo formar adultos e crianças na fé cristã da Igreja Católica, em um período marcado por problemas internos, potencializados pelo advento das igrejas protestantes.

Assim foram apresentados os dogmas, no Catecismo do Sagrado Concílio Tridentino, onde o conteúdo detalhava como deveriam ser obedecidos os princípios da teologia medieval. O pecado original cujo fruto seria a desobediência de ir contra os preceitos de Deus, perde sua santidade e, em função disso, aquele que peca desperta a ira de Deus e diante disso teria a morte física, a morte do corpo por ter cedido às tentações do Diabo (COSTA & MARTINS, 2010). Percebe-se como o discurso vai sendo construído ao longo do tempo e como são produzidos, de certa forma, interferindo nos corpos das pessoas, sendo disciplinados e moldados para comportamentos socialmente aceitos de acordo com interesses de quem o produz.

É importante acrescentar a leitura da historiadora Margareth Rago (1997) a fim de esclarecer que o saber médico somente se intensificou sobre o corpo infantil nas primeiras décadas do século XX, no caso específico do Brasil. Assim, a historiadora esclarece que “uma ampla literatura procura dar conta da infância, explicar suas fases, entender seus contornos: dizer o que é a criança como se caracteriza, como deve ser tratada e educada, impondo, portanto uma infantilização exterior a ela” (RAGO, 1997, p. 118). Neste sentido, o poder médico e seu discurso higienista, possibilitam um espaço privilegiado no âmbito da política e também na vida privada da família e por meio de seus discursos o corpo era moldado de forma normalizadora e controladora. Vejamos:

[...] A moralização do corpo pela educação física e a higienização da alma por atividades cientificamente orientadas e selecionadas afastariam, sobretudo nos adolescentes, o perigo das deformações físicas e da corrupção moral. Esse controle, no entanto, deveria se exercer de forma sutil (RAGO, 1997, p. 123).

Outro aspecto importante era que o controle social sob o corpo das crianças sofria repressões distintas, agora tomadas por outro discurso que era o da pedagogia. Segundo Foucault, em relação a questão de repressão moderna sobre o sexo, não é apenas a questão violenta, serve como uma produção de sujeitos, sendo assim a ideia da repressão sexual está associada à dominação burguesa. A educação era vista como forma de prevenção nas instituições que abrigavam crianças pobres, como Rago (1997) apresenta o seminário Sant’Ana, onde as crianças eram submetidas a humilhações e castigos, com a finalidade de “educar”. Quanto às crianças ricas, estas eram submetidas a uma série de tarefas disciplinares numa perspectiva da nova pedagogia em que aboliu os castigos tradicionais no começo do século. O corpo do aluno, nesta concepção pedagógica, deveria ser adestrado, mas não supliciado. Ainda assim, as crianças internas nessas instituições cumpriam horários rígidos em suas atividades cotidianas.

Devemos compreender como o corpo infantil foi sendo escrito diante de cada discurso produzido ao longo da história, principalmente a brasileira. Desse modo, Marta Abreu em *Meninas Perdidas*, ressalta que a devassidão dos costumes dos instintos perversos, a falta de honra e de educação, a inclinação a malícia e a liberalidade foram expressões que marcaram os julgamentos de médicos, juristas, membros do clero, literatos e jornalistas sobre as moças pobres, negras e brancas (ABREU, 1999).

Marta Abreu (1999) abrange questões sobre as práticas sexuais antes do casamento, principalmente quando se refere a uma menina o que presumia uma causa de defloramento por tornar-se mulher precocemente. Nesse sentido, a vida sexual da população estava sob cuidado da política, da medicina e da justiça pautado na educação das gerações futuras. Percebe-se que essas relações de poder sempre se preocuparam em formar sujeitos futuros com base em seus discursos legitimados.

[...] estas preocupações emergiram no contexto das transformações da sociedade brasileira do século XIX. A transição do trabalho escravo para o trabalho livre vinha se impondo, desde pelo menos 1850. A Abolição da Escravatura, em 1888, consolidava a necessidade de adequação das estratégias de ordenamento e controle



social para sociedade de homens livres, mulheres e crianças livres [...]. (ABREU, 1999, p. 290).

Vale destacar que as mulheres da elite viviam inteiramente para o lar e para ter filhos, com base nos padrões de honestidade e moralidade a serem seguidos. Assim, as mulheres que quebrassem as regras eram julgadas pelos seus crimes sexuais, a fim de puni-las por suas transgressões de conduta. É importante lembrar que as mulheres negras sempre tiveram uma outra forma de vida, pois a elas era imposta a obrigação de trabalhar e conviver com as ruas e cidades, não ficando confinada ao lar.

No século XX esses valores impostos pela sociedade sofrem algumas transformações: no discurso jurídico, quanto aos conceitos de defloração, que foi relacionado a crimes de sedução de inexperiência, quando seus parceiros faziam falsas promessas com a finalidade de terem contato com as moças. Assim, com o tempo os discursos sofrem mudanças referentes ao comportamento do sujeito, nesse caso das *Meninas Perdidas*, que eram taxadas como meninas sem honra, sem valor para os padrões sociais dos séculos XIX e XX.

Diante desses aspectos, devemos compreender que esses valores e comportamentos partiram do pressuposto de modelo de família patriarcal da elite. Em função disso, Marisa Tayra Teruya (2007) aborda sobre a formação do modelo familiar “adequado” para a sociedade brasileira. Logo, estudar a formação da família brasileira é de suma importância para entender como foi produzido o material em análise, visto que a enciclopédia infantil *Nossas Crianças* foi direcionada para classes sociais dominantes, sendo evidenciadas nas fotografias, as quais representam modelos de famílias com poder aquisitivo elevado, como podemos observar na fotografia a seguir:

**Figura 4 – Mãe de família**



Fonte: *Nossas Crianças*, Victor Civita, 1973.

Teruya (2007) destaca que a consagração do modelo patriarcal freiriano, onde Gilberto Freyre aborda em sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933), é caracterizado como um conjunto de princípios: manutenção da ordem, exercício da autoridade, justiça, governo do lar e provimento dos dependentes por parte do chefe masculino. Vale dizer que essas famílias, segundo a autora, proporcionaram várias transformações no que tange à economia, política e cultura.

É de suma importância entendermos como a ordem do discurso está inserida na enciclopédia, ou melhor, como a enciclopédia em sua particularidade só se tornou possível ao atualizar certos enunciados pertinentes e condizentes com a ordem do discurso. Visava-se com

isto produzir um corpo educado, normatizado e padronizado e, para tanto, algumas contribuições de intelectuais nos leva a pensar essa problemática elencando a concepção da infância, criança, corpo, sexualidade e como era representada a imagem da criança.

Jean Claude Schmidt (2005), em *A Moral dos gestos*, propõe uma análise do corpo, na perspectiva gestual quanto à questão da ética onde tal definição se dá por valores normativos que são legitimados em determinada época como razão humana ou olhar do divino. E o gesto pode ser caracterizado também como uma forma de expressividade como a representação cultural ocidental que pode ser relacionada a disciplina do corpo imposta por normas morais. Vale salientar que a moral dos gestos, foi sendo ressignificada, agregando outros valores, redescobrimo o gesto como objeto de reflexão da ética com o renascimento intelectual dos séculos XIV ao XVII, que culminou em várias transformações sociais que favoreceram uma nova leitura sobre o corpo humano. Este seria visto a partir de então não mais apenas como “a prisão da alma”, mas se bem governado proporcionaria ao homem um meio de salvação. Ainda assim, ao longo do tempo o discurso em torno do corpo diz respeito à moral, desse modo a norma e a disciplina ao exterior do código na tríade: Deus, alma e razão.

Vale lembrar que na década de 60, as novas tecnologias possibilitaram, de certa forma uma transgressão quanto às fronteiras sexuais, indo de encontro com a sociedade tradicional. Logo as transformações afetam no modo de viver, assim como a necessidade de construir uma identidade de sexual e de gênero (LOURO, 2000). A definição de sexualidade por Louro consiste em uma questão social, mas também, política e social, sendo construída por todos os sujeitos, tomamos com base o processo de escolarização em que buscavam formar homens e mulheres e que cada um teria que exercer seu papel diante da sociedade. Vejamos um trecho da enciclopedia a respeito disso:

[...] a escola. É ali que serão mostradas e enfatizadas naturalmente as diferenças de sexo [...] A identificação com o próprio sexo será reforçada e intensificada, na medida em que os interesses e atividades que são culturalmente diferenciados como masculinos e femininos sejam bem desenvolvidas (CIVITA, 1973, p. 1167).

O modelo de corpo escolarizado e disciplinado consiste em manter o padrão de realizar aquilo em que foi instruído a ser, aquele sujeito que foi apresentado como padrão de crianças serem impulsionadas a realizarem suas atividades como menina e menino, assumindo identidades que muitas vezes são falsas, pois tira da criança a liberdade da brincadeira, de que menina só deve “brincar de casinha” e “menino de bola”, sem que haja uma interação, uma certa liberdade.

Tomaz Tadeu da Silva (1994) apresenta confrontações entre teorias transcendentais (metanarrativas) e teoria pós-crítica para investigar o papel da linguagem na constituição do sujeito, sendo que as maiores contribuições foram de Michel Foucault e Roland Barthes, questionando a ideia do sujeito autônomo e emancipado. Haja vista que as relações de saber estão vinculadas também em relações de poder que constituem lugares de sujeito que são ocupados por certos indivíduos ao longo do tempo.

Outra crítica pós-estruturalista ou pós-crítica diz a respeito aos binarismos, aquela ideia do indivíduo ser superior ao outro “bom e mal”, “mulher e homens” e tantos outros, causando assim opressões e repressões no ambiente escolar e na sociedade. Segundo o autor, as metanarrativas estão por todos os lados, com a finalidade de explicar a história, a sociedade, religião e a ciência. Coube aos pós-estruturalistas oferecerem uma teoria hiper-crítica ou pós-crítica mais rebuscada e atenta aos detalhes das questões que são levantadas, possibilitando espaço e voz àqueles problemas não formulados ou esquecidos. Nesse sentido, há a necessidade de saber mais, sempre haverá as dúvidas e as críticas. Devem-se abandonar as certezas, dogmas e narrativas como as que pretendem possuir a “verdade” das coisas.

Michel Foucault é sem dúvida o referencial teórico importante para pensar as relações de poder existentes na sociedade, ao apontar as instituições como hospitais, fábricas, prisões e, sobretudo, a escola, como forma de conhecer o corpo e controlá-lo por meio de seus discursos limitantes. Segundo o filósofo a sexualidade foi construída historicamente, em que os enunciados foram elaborados de modo a fazer do sexo uma relação de poder que interdita o corpo, de modo que se torne uma característica hipócrita da sociedade burguesa no século XVII.

O discurso que é produzido em uma determinada regra de controle, como Foucault pontua, tem um caráter perigoso devido a sua materialidade, por isso quando nos deparamos com o discurso da enciclopédia *Nossas Crianças*, a princípio nos envolvemos como uma prática discursiva aceitável aos moldes sociais, mas logo percebemos que há uma certa intenção em formar cidadãos padronizados quanto à sua sexualidade.

### 2.1.1 Crianças e as imagens

Com a finalidade de analisar as fotografias como aporte teórico-metodológico, fiz uso das contribuições do pensador francês Roland Barthes (2015), o qual aborda a fotografia como sendo inclassificável, que devemos observar de modo que possamos torná-la visível por meio da dizibilidade. Ao olhar o outro da foto como objeto de pesquisa, assim podemos perceber as crianças das fotos da enciclopédia numa tentativa de entendermos o tempo e o espaço em que foram produzidas tais fotos.

Barthes encara as fotografias como a representação da morte, no sentido que permitiu seu registro, pois na fotografia não estão implícitas as informações sobre o cotidiano das crianças, como por exemplo, “o que gostam de brincar, o que gostam de fazer?” A fotografia fornece “detalhes”, e que muitas vezes não são percebidos, no qual favorecem a análise do sujeito que permitiu ser fotografado, como sendo um ser e não mais uma coisa. É dar sentido ao corpo, ao rosto que é presente na imagem .

A fotografia deve ser silenciosa (há fotos tonitruantes, não gosto delas): não se trata de uma questão de ‘discrição’, mas de música. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio). A foto me toca se retiro de seu blá-blá-blá costumeiro: ‘Técnica’, ‘Realidade’, ‘Reportagem’, ‘Arte’ etc.: Nada a dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência efetiva (BARTHES, 2015, p. 52).

A teoria barthesiana destaca que a história é para ser constituída, ela deve ser observada, em uma época que não seja o tempo presente. Historicamente, a fotografia iniciou-se como uma arte das pessoas, evidenciando sua identidade, seu caráter de civilidade, os sentidos de expressões, os gestos do corpo. Outro aspecto importante é sobre a cor da foto, pois não importa se é preta ou branca o que interessa é o que o corpo fotografado permite então sentir. Barthes observa que a foto pode ser objeto de três práticas: o *Operator*, o fotógrafo; o *Spectator*, o observador, aquele que consome as imagens; e enfim, o suporte, o alvo, o referente, o fotografado: o *Spectrum*. Diante disso vejamos a seguinte foto:

**Figura 5 – Sexo sem rodeios**

Fonte Nossas Crianças, Victor Civita, 1973.

As fotografias foram encontradas na enciclopédia sem legendas. Assim, podemos criar uma ao observar as duas crianças com corpos expostos, *seminus*, percebemos a tonalidade da pele “clara”, o que evidencia nas fotos do periódico a ausência de crianças negras. Observamos também como as crianças olham para seu sexo, que é definido como “menino ou menina”, o que nos remete a frase “Meninos têm pênis ...meninas têm vagina”, a qual a professora Jimena Furlani (2010), além de discutir sobre sexualidade e gênero a partir da educação sexual com crianças do Ensino Fundamental, faz uma crítica a essa expressão, por efetuar um apologia à sexualidade reprodutiva, pois dessa forma legitima discursos de que apenas aquelas pessoas que estão na fase reprodutiva podem ter uma vivência sexual, e que a prática sexual é legitimada apenas com a penetração vaginal, excluindo assim outras práticas sexuais e masturbação, favorecendo o preconceito.

Furlani (2010) reforça que é importante haver assim um esclarecimento para as crianças, outras representações culturais de homens e mulheres a fim de esclarecer as semelhanças e diferenças de nosso corpo, bem como outros modelos de famílias, que não seja apenas a representação constituída de um homem e uma mulher. Vejamos mais uma imagem

**Figura 6 – Os jogos da curiosidade**

Fonte: Nossas Crianças, Victor Civita, 1973.

Observamos o *Spectrum* e nos deparamos com dois corpos nus de crianças do sexo masculino, que nos faz lembrar das características de crianças alemães, que nos remete a questionar: o que essas crianças estão procurando? Qual é a sua curiosidade? As crianças parecem estar bem à vontade, já que estão desprovidas de quaisquer roupas, ou alguém que as impeçam de se manterem vestidas, já que era esse o padrão. Mesmo assim existem as interdições que impedem que as crianças conheçam seus corpos.

Segundo a enciclopédia infantil *Nossas Crianças*, no início a criança é curiosa a fim de conhecer seu corpo. E quando toca os órgãos genitais, descobre que este contato lhe causa prazer. Sente que é mais agradável mexer nos órgãos sexuais do que qualquer outra parte do seu corpo. E passa a repetir a experiência, pois é algo que lhe dá satisfação. Dessa maneira existem muitas formas em que principalmente a família impede e interfere no corpo infantil. Percebe-se que em alguns trechos da enciclopédia demonstra-se um caminho certo a seguir no que se refere à educação sexual das crianças.

Na perspectiva de Peter Burke (2004), em *Testemunha ocular*, a fotografia é uma testemunha do passado, bem como um artifício usado por historiadores como a representação do vivido. Se deve ter cuidado em usá-la como fonte pois cabe ao historiador contestar a autenticidade da fotografia e ser crítico, tendo em vista que meticulosamente alguns fotógrafos podem ter habilidades para manipularem uma determinada cena, para que sua imagem seja famosa.

Haja vista que a interpretação das imagens e sua análise, trata-se de um método iconográfico, sendo assim na ideia dos iconografistas, ao observar as imagens deve ser feita sua leitura e identificar possíveis resquícios do passado entre as linhas. Já no ponto de vista da iconologia, que consiste em outro método de se compreender as imagens, de acordo com o contexto em que ela está inserida, é necessário que haja uma interpretação dos significados culturais, sabendo que este método sofre críticas por ser considerado intuitivo, demasiado por sua falta de dimensão social. Então se o historiador necessitar da iconografia deverá ir além dela, buscar outras fontes que possa entender o contexto com base nos domínios de poder, religião, política, estruturas sociais e acontecimentos (BURKE, 2017).

Visto que a enciclopédia não foi escrita por acaso, houve um interesse em publicar e moldar, de certa forma, o corpo infantil. Em suas variadas imagens fotográficas estava ali a imagem do homem do futuro que então se gostaria de alcançar com a publicação da enciclopédia infantil. Dessa maneira, Durval Muniz de Albuquerque Júnior tematiza uma análise externa do discurso, aquela que visa a situar sua produção em um contexto em que a fonte fala, considerando pois as relações de poder e de saber, buscando compreender como estes foram produzidos, o autor reforça que o discurso é na verdade um acontecimento:

Trata-se de não simplesmente considerar o discurso como sendo a obra de um indivíduo isolado ou como um reflexo do que lhe é exterior, mas de se perguntar pelas regularidades que se podem mapear entre *os discursos* que circularam uma dada época, que coexistiram que formaram *séries*, que pertenceram ou pertencem a um dado *saber*, que se referiram ou se referem a um dado tema, que falaram ou falam de um dado sujeito, que nomearam ou nomeiam um dado objeto, que utilizaram ou utilizam-se de um dado conceito, de uma dada noção, que usaram ou usam dados enunciados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 238).]

No século XX, novos aportes metodológicos são inseridos na pesquisa historiográfica, na então chamada “revolução” do documento e a análise das representações históricas referentes à produção escrita. No entanto, existem dois tipos de materiais de memória, que em sua forma científica constituem a história, sendo: o monumento, a herança do passado, atos escritos, registrado; documento é a escolha do historiador para provar a intencionalidade do monumento. Haja vista que o monumento tem uma importância na construção histórica, pois perpetua uma memória que pode ser recontada, portanto, auxiliando na construção do texto

historiográfico assim como os documentos escritos, sobre estes o historiador Jacques Le Goff destaca:

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se a intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 1992, p. 536).

Por fim, as fontes que apresento neste trabalho foram as que no momento da pesquisa foram identificadas (o texto da enciclopédia e a leitura das imagens fotográficas nela contidas). Desta forma é intenção desta pesquisa a inclusão de novos olhares metodológicos, o que a partir de uma confrontação das fontes alinhadas a uma rigorosa análise documental se busca problematizações e respostas que contribuam para o campo da historiografia principalmente para a compreensão das análises discursivas presentes nestes documentos.

### 3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa permite esclarecer a emergência dos discursos sobre a sexualidade das crianças, na enciclopédia *Nossas Crianças*. Obviamente é importante destacar que as dimensões que tratam o corpo e a sexualidade, em que os saberes pedagógicos, psicológicos e culturais constituem a sexualidade de forma inseparável, permanecendo muitas vezes fracionada em suas pesquisas e estudos, deixando de lado a complexidade da questão, sem haver uma criticidade sobre a temática.

A história e o seu conhecimento, assim como as vivências dos diferentes povos e culturas a respeito da sexualidade possibilita a identificação dos diversos discursos que essa discussão recebeu pela humanidade. Haja vista que essa percepção necessita ser compreendida dentro de uma perspectiva quanto às práticas discursivas que se situam historicamente em um processo de transformação que atua sobre a produção do corpo infantil em seus gestos, valores, desejos e oportunidades.

Desse modo, existe a possibilidade de desconstruir modelos sociais hegemônicos e cristalizados que passa de geração em geração, permitindo o avanço de uma concepção crítica múltipla da sexualidade humana.

Assim, chegar ao fim desta pesquisa ensaística, além de me ocorrer muitas inquietações sobre a pesquisa como, por exemplo, quais são as críticas que receberei? Quem se interessar por esta pesquisa, para que possam vislumbrar outros aspectos que possivelmente deixei de ler, de pesquisar? Mesmo que existam as críticas, embora que me indiquem alternativas, o que é mais relevante é que contribuí de algum modo à pesquisa histórica acadêmica, analisando uma fonte que há muito tempo estava esquecida.

Em um outro momento, pretendo aprofundar nesta mesma fonte, pois este periódico possibilita o estudo sobre a infância sob vários aspectos distintos, questões que foram apresentadas, como por exemplo, as medidas disciplinares sobre o corpo das crianças, as brincadeiras como forma de desenvolvimento infantil, gênero, etc. Com esta análise que realizei sobre a fonte, passei a desnaturalizar crenças, pensamentos e ainda tenho muito o que aprender, pois tive algumas dificuldades em realizar esta pesquisa, que foram sendo superadas a cada etapa, me esforçando para então finalizar este ciclo. Ao escolher o tema, tenho a consciência da importância de sua discussão, visto que na contemporaneidade ainda há discursos muito fortes sobre a sexualidade, aos quais reforçam preconceitos e excluem indivíduos.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Discurso e Pronunciamentos como Fontes Históricas** – questões teóricas. 2012.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- CARNEIRO, Henrique. Amor, sexo e moral médico-clerical na época moderna. **Revista de História**, n. 132, 1995.
- CERTEAU Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- COSTA, Célio Juvenal; MARTINS, Flat James de Souza. Análise Histórica, Religiosa e Educacional sobre o Catecismo do Santo Concílio de Trento. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010.
- FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - 3º ed. - São Paulo, Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 19. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (Orgs.). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004, 284p
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LOURO Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER; Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- JUAN, Fabio San. **Encontro de História da Arte: da percepção à palavra: luz e cor na história da arte**. (11: 2015, Campinas, SP).

LOPES, Alberto; FILHO, Luciano Mendes de Faria; FERNANDES, Rogério (orgs.). **Para uma compreensão histórica da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de **O Historiador e suas fontes**. Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca (Orgs.). 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. Dossiê: a história do corpo. **Anais do Museu Paulista**, n. sér., v. 3, p. 103-122, 1995.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

PEREIRA, Matheus H.F. **A trajetória da Abril Cultural (1968-1982)**. Porto Alegre.v.11, n.2, p.239-259. Jul./dez.2005.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SCHIMDT, Jean-Claude. A Moral dos Gestos. In. SANT 'ANNA, Denise Benuzzi de (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. (p. 247-258.).

TERUYA, Marisa Tayra. Apontamentos Bibliográficos para o estudo da Família de Elite no Brasil. **Clio- Revista de Pesquisa Histórica**, n. 25-1, 2007.



## AGRADECIMENTOS

A princípio agradeço a Deus, que permitiu uma vaga para ingressar na universidade, quando muitos não conseguem. Sempre busquei forças espiritualmente, com a finalidade de fortalecer a minha espiritualidade, quando o meu corpo queria se entregar ao cansaço.

Ao professor José dos Santos Costa Júnior, meu orientador, pelo seu carinho, por me encorajar a acreditar que seria possível a realização deste trabalho, por sua disponibilidade ímpar e sugestões que foram valiosas para a concretização desta pesquisa.

À minha mãe querida, Angelita Alves Pereira, que desde quando eu era pequena me orientou para o gosto da leitura. Sempre contava histórias sobre o seu passado, sobre os livros de romances que gostava de ler, das novelas que eram publicadas nas revistas, quando não tinha televisão, sobretudo por seu empenho em querer que continuasse com meus estudos, mesmo em sua limitação, sem saber ao certo o que eu estava estudando. A meu pai Cicero Constantino Pereira, que me ensinou indiretamente, a nunca desistir dos meus objetivos, a ter forças para enfrentar os desafios e dificuldades.

À minha avó Maria do Carmo que sempre me ajudou muito com seus conselhos sábios, como ela sempre disse: “Feliz é aquele que ouve os conselhos dos mais velhos”. Amo demais essa mulher corajosa e valente. Aos meus irmãos, Laerte Aves Pereira, Lilian Alves Pereira, Lidia Alves Pereira e Carlos José Alves Pereira, que sempre me apoiaram direta e indiretamente em minha jornada acadêmica.

Ao meu adorado esposo, André Raimundo da Silva, companheiro, amigo, o homem que amo tanto, por sua ajuda incondicional, por seu grande coração generoso, por me fazer acreditar no que não seria possível, aos meus olhos. Obrigada por seu carinho e atenção.

Agradeço especialmente aos professores, que contribuíram para o meu crescimento ao longo da minha vida educacional Maria José, Edna Gomes, Raimundo Ramos, Suelene, Socorro, Ramsés Nunes, Lúira Freire, Adhoniran Santos, Gerson.

Às minhas amigas de longa data Anailda dos Santos, Janaina Tavares, por entenderem minha ausência, em não poder visitá-las como de costume. Aos meus amigos de Trabalho Linaldo Ferreira e Silvana de Azevedo, por compreenderem quando eu tinha que deixar o trabalho pelas atividades acadêmicas.

À minha tia Maria de Fátima, que sempre esteve de portas abertas para me oferecer sua casa, quando não tinha como ir para casa depois da universidade. E ao meu tio Anacreante, assim como Jocélio Barbosa que sempre foi prestativo em me levar para casa quando saía de seu trabalho. Obrigada por tudo!

A todos dessa instituição (UEPB) que permitiram que eu chegasse onde estou. Aos meus colegas de classe que foram verdadeiros e companheiros, e em especial aos meus amigos Janaina, Diana e Valdeir. Essas pessoas têm grande parcela de contribuição na minha graduação e sempre serei muito grata por todos os gestos de carinho.